

# SEXO E SEXUALIDADE EM MICHEL FOUCAULT

Maria da Conceição de Almeida Moura\*

*“A marginalidade é o ponto de partida útil (não-suficiente) para a autonomia do pensamento”.*

*Edgar Morin*

Este artigo é o texto de uma conferência proferida por ocasião do Seminário sobre Homossexualidade Masculina e Feminina, promovido pelo Centro Acadêmico de Psicologia, em outubro de 1990. Isto explica, conforme o leitor pode observar, a forma discursiva característica do texto oral.

Além dessa observação, faço uma outra que julgo necessária e que diz respeito não mais à forma, mas ao conteúdo mesmo do artigo: trata-se da delimitação de uma problemática particular na vasta temática presente nos escritos de Michel Foucault. É preciso lembrar que há muito mais que uma discussão sobre sexo e sexualidade em Foucault e que, em certo sentido, essa problemática é apenas uma das bases argumentativas e históricas de que ele se utiliza para repensar a teoria e os fundamentos do poder.

Feitas estas observações, explico a seguir os dois momentos do presente artigo.

---

\* Doutora em Ciências Sociais (Antropologia), Professora do Mestrado em Ciências Sociais da UFRN.



O primeiro momento diz respeito a uma sintética apresentação do filósofo francês. Meu interesse em apresentar Foucault é menos biográfico e mais direcionado para fazer uma relação entre seus problemas existenciais e suas preocupações científicas. Este primeiro momento, que estou chamando “Quem disso usa, disso cuida”, tem como suporte a biografia de Foucault, feita por Didier Eribon. Pretendo levantar alguns elementos que possam trazer à tona a discussão sobre o envolvimento ou distanciamento do pesquisador com a problemática que investiga. A questão da passionalidade na ciência, em outras palavras, a afinidade entre o sujeito e o objeto como um recurso epistemológico consciente, é o que gostaria de deixar como questão na primeira parte da exposição.

O segundo momento diz respeito à temática sexo e sexualidade. Tenho por suporte parte da História da Sexualidade e pretendo sumariar o que, para mim, são os fundamentos da “arqueologia do saber” sobre o sexo. Esse segundo momento tem como título “O poder do prazer ou o prazer do poder”.

## QUEM DISSO USA, DISSO CUIDA

Freqüentemente, ouve-se dizer, de forma pejorativa, que todo psiquiatra é “pisco” e que a escolha pelo curso de psicologia se dá, muito mais, em função da cura pessoal do que em função do interesse pela cura dos pacientes. A confirmação, ou não, desta constatação discursiva não interessa aqui. A rigor, as razões subjetivas, ou até mesmo inconscientes, da delimitação de um objeto de estudo não têm muito a ver com as digressões que fiz a partir da biografia de Foucault feita por Didier Eribon. É no nível do consciente, da deliberação explícita, de um projeto científico, que gosta-



ria de discutir a importância da relação entre prática de vida e construção do objeto de conhecimento. É a partir daí que pretendo tomar uma leitura da vida de Foucault para fazer a seguinte problematização: transformar o adágio popular “quem disso usa, disso cuida” na questão “quem disso usa, disso deve cuidar?” Em outras palavras, quais as implicações, do ponto de vista acadêmico e científico, da familiaridade entre o sujeito e o objeto do conhecimento? O que se perde ou se ganha do ponto de vista do processo de conhecimento?

Fixado este horizonte, perguntemos agora mais de perto: o que Foucault tem com isso e o que disse a esse respeito?

Em primeiro lugar, Paul Michel Foucault tem tudo a ver com as questões aqui postas. Era um homossexual e se lançou à tarefa de investigar os mecanismos de repressão às “sexualidades aberrantes”, as formas ou dispositivos de controle e poder sobre os corpos, as resistências e as permanentes explosões das formas marginais de prazer. Toma como tarefa, enfim, como ele próprio diz, “Trazer à luz ... a separação trágica do mundo feliz e do desejo”. A familiaridade e o conhecimento de causa de Foucault em relação a um dos temas que estudou em profundidade é, pois, um fato. A investigação sobre a repressão e o homossexualismo é a extensão de sua vida. Ele era um homossexual reprimido. Apesar de alguns de seus amigos cobrarem dele, em várias ocasiões, depoimentos sobre o tema, num momento em que, na França, sua palavra ajudaria em muito o movimento e a luta dos “meninos”, Foucault calava. Não tinha coragem de se identificar. O filósofo conviveu com os conflitos e as crises comuns aos jovens homossexuais franceses no começo da década de 50. “*De fato*”, relata Eribon, “*ao voltar de suas freqüentes expedições noturnas pelos pontos de encontro ou bares de homossexuais,*



*Foucault fica prostrado durante horas, doente, aniquilado de vergonha*” (Eribon, 1990, p. 41). É bem verdade, no entanto, que essa contenção, quando aluno da École, reaparece, às vezes, sob forma de protesto, quando, por exemplo, em 1953, o filósofo se desliga do Partido Comunista, uma vez que se sentia constrangido num partido que “condenava o homossexualismo como um vício da burguesia e um sinal de decadência” (Eribon, 1990, p. 69). Mas é somente no final de sua vida, mais precisamente um ano antes de sua morte, que Foucault fala abertamente se auto-identificando sobre um dos temas que conhecia tão intensamente quanto estudava - o homossexualismo.

Convidado pela Universidade de Berkeley, nos EEUU, no outono de 1983, onde ministrou cursos e seminários sobre o liberalismo, as “Artes de governar nos anos 20” e a “Verdade” na Grécia Antiga, o filósofo francês se ocupa, além do trabalho, com o “prazer puro e simples”.

*“Agrada-lhe essa liberdade que existe em Nova Iorque ou em São Francisco, com seus bairros de homossexuais, onde proliferam as revistas e os jornais, os bares e as boates. A comunidade gay é numerosa, organizada e decidida a impor os seus direitos”. E depois, continua o biógrafo, “nos EEUU a homossexualidade não se ressentente com o limite de idade, com os critérios severamente definidos da juventude. Homens de sessenta anos e até mais, vestidos de calças jeans e jaqueta de couro, passeiam de mãos dadas, de braços dados, se beijam na rua. Bem ao contrário de Paris, da França, onde um homossexual tem que ser jovem e bonito para afirmar o que é”* (Eribon, 1990, p. 294).

É a partir dessa ambientação que, segundo Eribon, “Foucault passa a querer viver plenamente essa homossexualida-



*de que teve tanta dificuldade em aceitar, em assumir*" (Eribon, 1990, p. 295). Mas, resta-lhe pouco tempo.

É, pois, já com 57 anos, que Foucault "*se reconcilia consigo mesmo. Está feliz com seu trabalho. Está feliz com os prazeres do corpo*", nas palavras de Eribon.

Esse também o momento em que fala livre, explícita e atrevidamente sobre temas, sem dúvida, perigosos para um pensador de renome internacional como ele. Diz, sobre droga, que não faz sentido ser "contra" ou "a favor" e explica: "a droga faz parte de nossa cultura. É como a música: há música boa e música ruim. Há drogas boas e ruins" (Eribon, 1990, p. 295). Dá uma entrevista ao jornal gay "The Advocate", onde, entre outras coisas, acentua: "não basta nos afirmarmos gay, devemos também criar um modo de vida gay" (Eribon, 1990, p. 295). Faz considerações interessantes sobre a "subcultura SM" (sodomasoquista). Enfim, encontra-se Foucault. Está em paz com sua homossexualidade e pode falar desta forma de sexualidade, como "uma possibilidade de vida criadora". Um ano depois, morre de AIDS.

Em síntese, sendo um homossexual e, em especial, um homossexual que só se libera explicitamente no fim da vida, Foucault se lança à tarefa de fazer uma arqueologia do saber sobre sexo e, em particular, sobre os mecanismos de disciplina e controle dos corpos. O limite, pois, entre a vida e o projeto teórico é quase nenhum em Paul Michel Foucault.

Neste ponto, interrompo as informações sobre sexualidade, para fornecer informações sobre outro tema. Trata-se, agora, da loucura.

O tema da loucura, em particular o tema do discurso sobre a loucura, é, também, parte do trajeto intelectual do filósofo. Que ligação há, nesse caso, entre vida e obra? Será Foucault um louco?

A biografia feita por Didier Eribon dá conta do seguinte quadro psicossocial de Paul Michel: ainda na École, ele



*“não consegue se adaptar à vida comum, não sabe se sujeitar ao tipo de sociabilidade exigido pela organização interna da École”* (Eribon, 1990, p. 40). Tem difícil relacionamento com os colegas, ironiza alguns deles com apelidos ofensivos. Irrita-se com freqüência, briga com todo mundo, tem uma “agressividade terrível”. Foucault, assinala o biógrafo, *“é quase unanimemente detestado. É tido por maluco”*. Em 1948, quando tenta suicídio, *“a maioria de seus colegas confirma o que pensavam: seu equilíbrio psicológico é mais que frágil”* (Eribon, 1990, p. 41). Os que o conheciam bem dizem que aconteceram diversas tentativas ou encenações de suicídio, que Foucault “era obsecado por essa idéia” e que, *“durante toda a vida ele caminhou lado a lado com a loucura”* (Eribon, 1990, p. 41). Submete-se nessa época, levado por seu pai, a um tratamento psiquiátrico no Hospital Saint-Anne. O médico da École se limita a dizer, refugiando-se atrás do sigilo profissional, que esses distúrbios provinham de uma homossexualidade “muito mal vivida e muito mal assumida”.

Em suma, emoldurado por um quadro de identidade conflituosa e beirando, muitas vezes, o desequilíbrio mental, Foucault se dedica, por opção, à árdua tarefa de fazer uma “História da Loucura”. Traz à tona a histórica substituição do confessor e do policial pelo psiquiatra. Discute a funcionalidade da doença mental nas diversas épocas - desde quando “a loucura ainda tem direito de cidadania”, até o momento em que ela é relegada ao silêncio, ao confinamento. Instaura, inequivocadamente, a possibilidade de conhecimento científico da loucura, quando desloca o foco de investigação e objeto de estudo para o discurso sobre a loucura. Não é o louco que precisa ser estudado, mas o discurso sobre a loucura, “antes de sua captura pelo conhecimento e pelo discurso científico”.



Paul Michel Foucault. Uma pessoa nada normal dentro dos códigos sociais vigentes na sacrossanta sociedade ocidental: homossexual; meio maluco. Este sexualmente fora da lei, psicologicamente complicado, impõe-se a tarefa de estudar os dispositivos - discursivos ou não - de controle e poder sobre os corpos. Mais. Foucault quer investigar como, nas suas palavras, *“o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas - o sexo”* (Foucault, 1984, p. 16).

Certamente, ninguém, a menos que desconheça por completo o pensamento de Foucault, pode duvidar da consecução da trajetória por ele proposta. Mais do que isso, apenas poucos - e, certamente, somente os intelectuais desinformados ou preconceituosos - não recorrem, nesse fim de século, a algum fragmento do pensamento foucaultiano, quando trata-se de entender a problemática fundante do poder em nossas sociedades. Deve-se, pois, assinalar a respeito do pensador francês: missão cumprida, obra de importância incontestável, quebra dos paradigmas prepotentes e das ideologias unificadoras e redutoras. Sem nenhuma mitificação, um dos grandes intelectuais de nosso tempo.

Dito isto, volto agora a problematizar as colocações iniciais, ou seja, perguntar sobre os fundamentos epistemológicos positivos que podem advir da relação entre a vida e a obra de um intelectual.

Ora, e conforme adverte com propriedade Didier Eribon, estamos, até agora, posicionando-nos contra julgamentos que pretendem anular o valor da obra de Foucault em função de sua vida “complicada”. A questão é, então: estaríamos, por oposição, defendendo a hipótese segundo a qual somente “quem disso usa, disso deve cuidar”? E mais: que é suficiente “disso usar, para disso bem cuidar”? Não.



Encaminho a problematização da relação entre vida e obra de outra forma, e, portanto, a exclusão de uma hipótese não deve levar à afirmação da outra. O que procuro discutir, ao fim e ao cabo, é: que conseqüências positivas podem advir para o conhecimento do fato de perguntar-se cientificamente sobre o que se vive pessoalmente? A partir de que é possível transformar um conteúdo pessoal num objeto científico de investigação? Que elementos estratégicos do pensar permitem transformar uma suposta limitação (contato intersubjetivo, envolvimento passional com um problema) num instrumento eficiente de conhecimento? Isto quer dizer que não basta ser homossexual para ser um bom teórico da homossexualidade, como não é suficiente dispor, numa base privilegiada, de todas as informações sobre o controle da sociedade para fazer uma história do controle e do poder.

E quanto à necessidade? É necessário?

Talvez não, se é possível se dispor e fazer uso de uma forma de pensamento que, interrogando-se e autocriticando, pode levar o sujeito do conhecimento a transpor os limites do conceito e chegar aos problemas.

Para citar apenas um exemplo, não foi necessário Pierre Clastres ser um chefe indígena para discutir a problemática do poder fora do Estado e a cisão originária entre poder, autoridade e coerção.

Não é, portanto, nem suficiente nem necessário viver uma situação para investigá-la de forma competente, avançar na discussão temática e, acima de tudo, propor caminhos novos de abordagem científica.

Por fim, e extrapolando as categorias usuais de suficiência e necessidade, resta uma última questão: É bom? É recomendável? É importante? Numa palavra: Que benefícios apriorísticos podem ser assegurados, do ponto de vista do conhecimento, pelo fato de um “desequilibrado”



mental estudar a loucura, ou de um homossexual estudar o homossexualismo?

Não acredito que uma resposta em tese, ou genérica, deva ser dada a esta questão, se se quer discuti-la mais consistentemente, isto é, privilegiar a estrutura mesma do conhecimento em detrimento do seu conteúdo relevante ou não no contexto da descoberta.

Caminho noutra direção. Pretendo mostrar como, no caso Foucault, a relação entre vida e trajeto científico se configura na condição para ultrapassar os esquemas conceituais vigentes de pensar o poder, o sexo e a loucura. Mais. Que, no seu caso, ser um homossexual “meio maluco” só acarreta vantagens intelectuais e avanços teóricos. Isso por dois motivos: primeiro, porque os conflitos de identidade vivenciados por Foucault não foram estendidos para o plano da investigação. Passagem, sem dúvida, difícil, raramente conseguida, talvez seja ela uma das responsáveis, aí sim, em tese, pelos benefícios da relação estreita entre vida e obra. Segundo, porque, ao estabelecer como meta, segundo ele próprio, “fazer uma história dos limites”, Foucault o faz a partir de uma visão muito clara de história e de limites. *“Questionar uma cultura sobre suas experiências-limites é questioná-la nos confins da história sobre um dilaceramento que é o próprio nascimento de sua história”* (Eribon, 1990, p. 104). Foucault, portanto, percebe-se como um ser histórico perecível mas, também, como um exemplar do contingente humano ligado à rede do controle disciplinar. É, pois, a escolha dos instrumentos para descrever a história dos limites “desses gestos obscuros” que permite ao filósofo partir de sua vida pessoal e explicar a vida social em geral, numa perspectiva claramente universalista. O estudo dos códigos e regras que historicamente disciplinam e instigam as práticas sexuais é, parece-nos, o recurso metodológico responsável



pelo bom encaminhamento da trajetória teórica de Foucault. É, pois, na opção pelo estudo dos dispositivos que regulam as condutas limites, que se torna possível fazer a passagem das condutas pessoais para as vivências coletivas.

Essas duas condições que estabeleço como responsáveis pela boa relação entre vida e obra parecem necessitar, por sua vez, de uma precondição: a tomada de consciência desse processo. A partir da biografia feita por Didier Eribon, é possível supor que Paul Michel Foucault escolheu, deliberadamente, os caminhos epistemológicos a percorrer a partir de problemas que conhecia muito de perto. É assim que, nas palavras do próprio Foucault, citado pelo biógrafo, temos como confissão:

*"Toda vez que tentei um trabalho teórico, foi a partir da minha própria experiência: sempre em relação com processos que via se desenvolverem a minha volta. Porque eu julgava reconhecer fendas, abalos surdos, disfunções nas coisas que via, nas instituições às quais estava ligado, em minhas relações com os outros, foi que empreendi tal trabalho - um fragmento de autobiografia"* (Eribon, 1990, p. 43).

Além do próprio filósofo, seus amigos confirmam que seu trabalho tem como ponto de partida uma autobiografia. Dizem: *"seu grande interesse pela psicologia provinha sem dúvida dos elementos de sua biografia pessoal"*; ou então: *"sempre pensei que um dia ele escreveria sobre a sexualidade. Ele tinha de dar à sexualidade um lugar central em sua obra, pois era algo central em sua vida"* (Eribon, 1990, p. 42).

Pode-se supor, então, que o estudo dos limites - sejam eles os da razão ou os da moral sexual - não foi, para Foucault, a escolha teórica pelo mais fácil, porque mais familiar. Mas, essa escolha se deu de forma consciente, a



partir do familiar e vivido, como uma experiência fundamental no caminho da descoberta científica dos mecanismos de controle sobre os corpos e a razão.

Do que foi até aqui exposto, pretendo apontar provisoriamente: não é suficiente ser louco nem homossexual para estudar a loucura e a homossexualidade. Não é também estritamente necessário. Nem bom, em todos os casos. Há, entretanto, que considerar que, no caso Foucault, foi indispensável tomar suas experiências pessoais e colocá-las no bojo universal de todas as condutas limites, para entender se somos e por que somos reprimidos.

## O PODER DO PRAZER OU O PRAZER DO PODER

É proibido fazer sexo. A homossexualidade, sob diversos códigos, é discriminada. Certas formas de extrair prazer, também. A sexualidade está ameaçada; o sexo enjaulado. Não podemos ser felizes. SOMOS REPRIMIDOS.

Dizemos e escutamos isto com uma certa frequência. Fazemos da afirmação “não podemos fazer nada, somos reprimidos” a palavra de ordem para a luta contra a repressão do prazer e o ponto de partida para conhecimento do sexo e da sexualidade em nossas sociedades.

Esse é um falso problema, em princípio. Há quatorze anos, no Tomo I de sua História da Sexualidade, Paul Michel Foucault oferece (ou instaura?) um novo pivô para a análise do exercício do prazer na atualidade:

*“A questão que gostaria de colocar não é porque somos reprimidos mas porque dizemos, com tanta paixão, tanto rancor contra nosso passado mais próximo, contra nosso*



*presente e contra nós mesmos que somos reprimidos?” (Foucault, 1984, p. 14).*

Com esta pergunta, Foucault procura, em primeiro lugar, ultrapassar o estabelecimento de uma certa corrente historicista sobre o exercício das práticas sexuais vigentes no discurso da ciência e dos movimentos de liberação sexual. Reza este discurso, em síntese, que, do século XVII até o nosso, ter-se-ia percorrido o caminho de uma crescente repressão sobre o sexo e os corpos. Assim, no século XVII, considerado como o marco zero da Idade da Repressão, os controles ainda eram fracos:

*“Tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX. Gestos diretos, discursos sem-vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos adultos: os corpos ‘pavoneavam’ ” (Foucault, 1984, p. 9).*

Desse primeiro estágio, teríamos passado a uma sexualidade “cuidadosamente encerrada”. Sexo e família passam a ser a regra esperada. Na casa, o quarto do casal: lugar onde o sexo encontra a serenidade de sua função - a reprodução:

*“No espaço social - diz Foucault, anunciando aquele discurso - como no coração de cada moradia, um único lugar da sexualidade reconhecida mais utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se: o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente,*



*vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções” (Foucault, 1984, p. 10).*

Segundo Foucault, esse discurso assegura e procura mostrar como, no decorrer de quatro séculos, tenta-se negar, controlar, interditar e silenciar o sexo. Com algumas concessões, é claro, e quando dá lucro - casas de prostituição, casas de saúde, o “rendez-vous”. Iniciada no século XVII, a repressão ao sexo teria, enfim, com o desenvolvimento do capitalismo, uma mística de suporte fundamental: os corpos para o trabalho. A repressão moderna faria parte da ordem burguesa, portanto.

Assim se anuncia a história do sexo e sua repressão. Essa interpretação usual, no entanto, não satisfaz Foucault que adverte:

*“Esse discurso sobre a repressão moderna do sexo se sustenta. Sem dúvida porque é fácil de ser dominado” (Foucault, 1984, p. 11).*

Somos ao mesmo tempo explorados e reprimidos, mas amanhã seremos livres, leves e soltos. Amanhã, porque hoje precisamos falar de repressão, desafiar a ordem, ser subversivos.

*“Alguma coisa da ordem da revolta, da liberdade prometida, da proximidade da época de uma nova lei passa facilmente nesse discurso sobre a opressão do sexo” (Foucault, 1984, p. 12).*

Atenção! Foucault não assegura que a “interdição do sexo é uma ilusão”, mas adverte que a Hipótese Repressiva tem somente “uma função local e tática” no arcabouço discursivo sobre a sexualidade. Enfim, pondo em dúvida a Hipótese Repressiva, a partir de três questões (a primeira, “propriamente histórica”, a segunda, “histórico-teórica” e, por fim, a “histórico-política”), o filósofo francês sugere outro caminho metodológico. Ele quer



*“determinar, em seu funcionamento e em suas razões de ser, o regime de poder-saber-prazer que sustenta, entre nós, o discurso sobre a sexualidade humana” (Foucault, 1984, p.16).*

As questões a serem postas serão, agora: Por que dizemos com tanta paixão e tanto rancor que somos reprimidos? Por que essa vontade e esse desejo de falar de sexo? Por que alguns alugam suas orelhas para que nós possamos falar de nosso sexo? Por que fazemos pose e nos julgamos desafiando a ordem e a moral sociais quando falamos do prazer do sexo?

No trajeto da sua investigação científica, Michel Foucault procura responder a essas questões. Vai recolocar a hipótese repressiva no que ele chama de uma “economia geral dos discursos sobre o sexo”. É a relação poder-saber-prazer que Foucault pretende demonstrar. São os dispositivos de poder sobre os corpos o que ele procura desvendar. É a história das instâncias da produção discursiva, da produção do poder e das produções do saber que ele quer fazer.

É evidente que no espaço deste texto eu não me arriscaria a resumir toda a arqueologia do saber e a política de poder sobre os corpos presentes na obra de Foucault. Assinalo apenas o que me parece o marco fundante de sua investigação, a saber: o poder sobre o sexo não se resume à repressão sexual, mas se amplia tática e eficazmente no controle sobre os prazeres. Portanto, para muito além da repressão, o poder tem um nome, uma tática e um instrumento poderoso - o controle.

Aqui, um dado importantíssimo do pensamento foucaultiano - a definição de que o controle se estruturou historicamente a partir de uma “vontade de saber” sobre o sexo. A “colocação do sexo em discurso” é o que permitirá



um controle cujos efeitos são de bloqueio e desqualificação, mas, também e principalmente, de incitação ao desempenho da sexualidade. Vivemos construindo permanentemente, através dos séculos, uma “scientia sexualis”. Um “erotismo discursivo generalizado” toma lugar central na sociedade a partir do século XVIII. Observa-se uma explosão de discursos distintos que tomam forma na demografia, na biologia, na medicina, na psiquiatria, na moral, na crítica política.

Em todas as instâncias, uma preocupação: o gerenciamento dos corpos sexuados. Os sanitaristas estabelecem as normas de higiene - o sexo limpo e o “controle sanitário” das prostitutas. Os pedagogos, já no século XVIII, cuidam da sexualidade das crianças e adolescentes - a masturbação deve ser cuidada. Proliferam as aulas de educação sexual. As crianças precisam falar de seu sexo para os professores. Os médicos se dirigem aos diretores dos estabelecimentos escolares e às famílias - dão conselhos, fazem recomendações, escrevem livros. Precisamos falar de nosso sexo, de nossos desejos, contar com detalhes o que fazemos. A medicina que, inicialmente, vai falar das “doenças dos nervos”, é substituída pela psiquiatria que tratará das “extravagâncias” e das “fraudes contra a procriação”. Estabelece-se a etiologia das doenças mentais e um volumoso dicionário das “perversões sexuais”. Os estranhos prazeres recebem nome de batismo - passam a existir os exibicionistas, os fetichistas, os zoófilos, os zooerastas, os automonossexualistas, os mixos-copófilos, os ginecomastos, os presbiófilos, os invertidos sexoestéticos e as mulheres dispareúnicas. O homossexualismo passa a ser um tipo de androgenia interior: o sodomita era um reincidente, agora, o homossexual é uma espécie.

Assim funciona a relação saber-poder-prazer. Uma “scientia sexualis” tudo pesquisa, tudo classifica. Em nome



dessa ciência, o poder cria os mecanismos e dispositivos para controlar e gerenciar os prazeres - todos e de todas as formas. Tudo pode ser feito, desde que seja dito. As armadilhas criadas para forçar a confissão fazem com que o que é dito se transforme em segredo - o segredo do sexo. É, principalmente, através do sexo como segredo que a rede saber-poder-prazer se realimenta constantemente. É o que Foucault vai chamar de "lugares de máxima saturação". Aqui podemos falar de sexo; entre as crianças não. Para elas, quem tem o poder exclusivo desse discurso é o professor de biologia, o orientador. Uma geografia é estabelecida para que se permita a incorporação das perversões. O segredo do sexo permite a proliferação de novas formas de prazer. O poder de controle e discriminação sobre os corpos sexuais funciona menos como inibidor e mais como incitador e multiplicador.

*"A Sociedade 'burguesa' do século XIX, e sem dúvida a nossa, ainda, é uma sociedade de perversão explosiva a fragmentada" (Foucault, 1984, p. 46).*

Não há transgressão alguma na instituição das sofisticadas casas de prostituição, boates, beréus. Os motéis, os quartos dos pais, as saunas "gay" não são nada mais que complementos, perfeitamente controlados e previstos no "jogo dos poderes e dos prazeres". Para Foucault, essa rede de controles é acionada por um poder que "não opõe barreiras, organiza lugares de máxima saturação". Daí a natureza perversa a que estamos submetidos: "

*"A sociedade moderna é perversa, não a despeito de seu puritanismo ou como reação à sua hipocrisia: é perversa real e diretamente" (Foucault, 1984, p. 47)*

O sexo como segredo. Essa é a palavra mágica que nos incita tanto a falar dele, mesmo que seja para anunciar



que somos reprimidos. Um segredo previsto e cuidadosamente assegurado e garantido pelo poder. Pequenas transgressões instigadas e previstas. Numa palavra, aliança tática entre o poder do prazer e o prazer do poder sobre os corpos.

É isso, parece, o que pensa Foucault:

*“O prazer se difunde através do poder cerceador e este fixa o prazer que acaba de desvendar. O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico e os controles familiares podem, muito bem, ter como objetivo global dizer não a todas as sexualidades errantes ou improdutivas, mas, na realidade, funcionam como mecanismo de dupla incitação: prazer e poder. Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e, por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou transvesti-lo. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou de resistir”*  
(Foucault, 1984, p. 45).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ERIBON, Didier. *Michel Foucault, 1926-1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.